



Episódio Dramático

Raúl Brandão

**Edição de
Joana Fernandes**

Coordenação de Ângela Correia



Lisboa
Março de 2013

Nota editorial

A presente edição de *O Avejão* foi criada a partir da primeira edição do texto pela Seara Nova, datada de 1929, de que existe um exemplar na Biblioteca da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (OMGAR 1958p). Este exemplar, pertencente ao fundo Osório Mateus, apresenta em cada página um carimbo de aprovação da Inspeção Geral de Espectáculos. O conjunto de todos os carimbos permite compreender que, em 1947, uma companhia de teatro apresentou o exemplar à censura do Ministério da Educação Nacional, Inspeção dos espectáculos, pedindo autorização para o representar. O nome manuscrito com tinta permanente azulada na página de guarda do livro permite deduzir que a companhia de teatro se chamava “Grupo Dramático da Guilherme Cossoul”. Todos os carimbos deixados nas páginas confirmam que a autorização foi concedida.

Como já foi explicitado no livrónico *A Primeira Edição de Três Peças de Raúl Brandão*¹, publicado na

¹ João ALMEIDA, Pedro RODRIGUES, Vera PIMENTA, *A primeira edição de três peças de Raúl Brandão*, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Outubro de 2007. Disponível em

Bibliotrónica, *O Avejão* deveria ter integrado o segundo volume de quatro com a obra dramática de Raúl Brandão, a par de *Um Homem de Estado* e *Eu sou um Homem de Bem*². Este projecto nunca se concretizou, porém, e a peça foi autonomamente publicada em 1929.

Nesta edição, mantive rigorosamente a ortografia, bem como as gralhas. Mantive também as características gráficas, como o itálico, os espaçamentos relativos e o tratamento dos títulos. Conservei igualmente as páginas em branco que encontrei na edição supracitada. Incluí, na capa desta edição, a imagem da autoria de Carlos Carneiro.

http://alfclul.clul.ul.pt/clulsite/Bibliotronica/PDF/Pecas_Raul_Brandao.pdf

² João ALMEIDA, Pedro RODRIGUES, Vera PIMENTA, *A primeira edição de três peças de Raúl Brandão*, página 3.

DO AUTOR

A Morte do Palhaço e o Mistério da Árvore, com capa e ilustrações de Martinho da Fonseca, I vol. br. 10\$00.

Edição da «SEARA NOVA»

Composto na Tip. da «*Seara Nova*»
Impresso nas Oficinas Gráficas do «*Jornal da Europa*»
– Rua do Século, 150 –

O AVEJÃO

EPISÓDIO DRAMÁTICO

EDIÇÃO DA *SEARA NOVA*

PRAÇA DE LUÍS DE CAMÕES, 46, 2.0

LISBOA

1929

PERSONAGENS

A VELHA

O AVEJÃO

O SR: CAETANO

TRÊS VELHAS

A CRIADA

ACTO ÚNICO

Quarto de cama antiquado com oratório e cama de pau santo. A moribunda dormita numa poltrona. Ao lado a criada faz meia. Afastado, um grupo de três velhas antidiluvianas escuta um homem imponente que discursa. Uma delas traz um grande lenço vermelho na mão. É noite. Falam baixo.

SCENA I

A VELHA, A CRIADA, O SR. CAETANO E
AS VELHAS

SR. CAETANO

Tudo correcto, tudo muito correcto.

PRIMEIRA VELHA

Tudo na ordem.

SR. CAETANO

Confissão, testamento, agonia. Está pronta para subir ao Céu. Só lhe falta voar.

SEGUNDA VELHA

Foi uma santa!

SR. CAETANO

Diz muito bem. Foi uma santa correcta, uma santa modelar.

TERCEIRA VELHA

Apoiado!

SR. CAETANO

Não me interrompam... Uma vida de sacrifício, inteiramente dedicada a obras piedosas. Só asilos dirigiu três e duas sopas económicas. E que austeridade! Não há uma falha nesta existência. Uma! Ninguém como ela merece o nome glorificador de santa.

SEGUNDA VELHA

Pudéssemos nós dizer o mesmo. Aquela vai vestida e calçada para a suprema ventura. Um câro de anjos já a espera lá em cima com a coroa celestial preparada.

PRIMEIRA VELHA

(Escutando)

Já tem *panela*...

SR. CAETANO

(Severo)

Deixemos essas coisas materiais que não nos devem preocupar. O que ali está é uma alma. Uma alma e mais nada. Todos a vimos edificar dia a dia a sua existência espiritual, já organizando uma coleção de pobres, dentre aqueles que pela sua religião, pela sua humildade merecem êste nome tão evangélico de pobres...

PRIMEIRA VELHA

(Entusiasmada)

Muito bem! Muito bem!

SR. CAETANO

... já resistindo aos impulsos e quebrando todos os laços – até os da família – para chegar à suprema perfeição.

TERCEIRA VELHA

E o testamento? E o testamento?

SR. CAETANO

Muito correcto, também. Deixa quasi tôda a sua importante fortuna à obra da conversão dos ímpios e o resto ao Banco Comercial, para ser administrado por homens de reconhecida capacidade.

PRIMEIRA VELHA

Lá isso de bancos e de comércio, para uma santa, não me parece bem.

SR. CAETANO

(Severo)

Ora essa, minha senhora
o comércio é o sangue duma nação.

SEGUNDA VELHA

Muito bem fala este senhor
Caetano. É um regalo ouvi-lo.

*(A terceira velha que traz o lenço na mão puxa
pelo casaco do sr. Caetano.)*

TERCEIRA VELHA

(Baixinho)

Agora?

SR. CAETANO

Ainda não. Amarrar-lhe os queixos, por
ora não. Esperemos o último transe, para que não
apareça descomposta na outra vida.

PRIMEIRA VELHA

Ela ouvirá?

SR. CAETANO

Não ouve nada. Está sonolenta. Já não percebe nada. É o que pròpriamente se chama um cõma.

PRIMEIRA VELHA

Um quê?

SR. CAETANO

Um cõma, minha senhora. É uma espécie de adormecimento que se apodera dos moribundos antes de entrarem no reino dos Céus... Concentremo-nos um momento, visto que todos nós somos também, infelizmente, mortais. *(Pausa. As velhas rezam).* ...Mas como ia dizendo, o que é necessário, em todos os actos da vida, é a correcção. Acima de tudo correcção. Ponham os olhos neste exemplo... Sempre austera. Sempre digna. Sempre correcta. Agora está tudo pronto. Está ungida. Vai morrer e não lhe custa nada. Não lhe custa mesmo nada. Só lhe falta dar o último passo, e vejam as

excelentíssimas senhoras que serenidade se apoderou daquela alma. (*Algumas lágrimas.*)

TERCEIRA VELHA

Ela chama?

SR. CAETANO

Um pouco de delírio, que também é conveniente em quem morre. Alguma agitação – sem exagêro.

SEGUNDA VELHA

Visto isso, podemos retirar-nos?

SR. CAETANO

Devemos até retirar-nos. (*Vão saindo.*) Ela e Deus, ela e a glória eterna... Deixemos a matéria descansar antes do sono sepulcral que a espera lá para a madrugada.

A VELHA

(Baixinho)

Antónia.

(O grupo sai e o sr. Caetano perora sempre.)

SR. CAETANO

Nunca ninguém lhe concedeu uma fraqueza. Nunca ninguém lhe...

AS VELHAS

(Em câro saindo)

Que santa! que santa! que santa!

SCENA II

A VELHA E A CRIADA

A VELHA

Antónia, pareceu-me ouvir vozes.

ANTÓNIA

Foi o senhor Caetano que saiu

A VELHA

Ah!... Mas não era isso, era outra cousa...
Outras vozes... Vejo figuras.

ANTÓNIA

É da febre.

A VELHA

E da morte. Ontem vi perfeitamente uma

aventasma com um saco às costas.

ANTÓNIA

Delírio. Descanse um bocadinho.

A VELHA

É noite?

ANTÓNIA

É noite.

A VELHA

Tenho medo... É talvez a hora.

ANTÓNIA

Quere tomar o remédio? ¿Doe-lhe alguma coisa?

A VELHA

Não, não.

ANTÓNIA

Então sossegue.

(Ageita-lhe o travesseiro e sai levando a luz. A scena fica iluminada por uma lamparina bruxuleante. Tudo enegrece. A velha geme. Depois fala a figuras imaginárias: – ¿És tu, António?... Estás aí, José? – Cai em sonolência. No fundo mais negro agita-se a sombra da lamparina, e nessa escuridão remexe logo outra sombra maior, que pouco a pouco toma corpo. É um ser glabro e esguio, de pernas magras, que esfrega as mãos uma contra a outra e vem devagarinho postar-se ao pé da Velha.)

SCENA III

O AVEJÃO E A VELHA

A VELHA

Ah! és tu? és tu ?... É talvez a hora tremenda. És o diabo? (*O Avejão ri-se.*)? És talvez a consciência?... (*O Avejão ri-se.*) És talvez a dúvida?... Eu nunca duvidei. (*O Avejão ri-se; e ela afirma mais alto*) Nunca duvidei. Nunca duvidei.

AVEJÃO

Fizeste-a bonita, estragaste a vida tôda.
(*Esfrega as mãos com um riso sarcástico.*)

A VELHA

A minha vida é rígida e harmónica.

AVEJÃO

Sim, não viveste e vais morrer.

A VELHA

Não sei porquê, não te tenho medo. Com a tua figura vejo outras figuras, as dos meus mortos que estão à tua beira. Será talvez porque fui santa.

AVEJÃO

Santa, anh? santa? reduzida a espírito? Os santos nunca sabem que o são.

A VELHA

Tôda a gente o diz.

AVEJÃO

Ah! Se tôda a gente o diz... E tu que dizes?

A VELHA

Tirei-o à bôca.

AVEJÃO

Para dar ao orgulho.

A VELHA

Comi côdeas...

AVEJÃO

Fizeste bem.

A VELHA

... para o dar aos asilos.

AVEJÃO

E se te enganares? ¿Se tivesses vivido só para coisas artificiais e sêcas? Se a tua caridade não fôsse senão uma fórmula... e tudo inútil...
(*Mais baixo*) Tudo inútil.

A VELHA

¿Espera-me então o inferno?

AVEJÃO

O inferno talvez não exista.

A VELHA

E o céu?

AVEJÃO

O céu talvez não exista.

A VELHA

Então que existe? ¿que existe para mim,
que passei a vida a recalcar o instinto, a viver de
sacrifícios – a não viver?

AVEJÃO

¿A que te sabe a boca?

A VELHA

A pó! a pó!

AVEJÃO

Viveste de mentira. Foste iludida e vais morrer.

A VELHA

Não vivi! Não vivi! ¿Então o que é a vida superior, a vida mais alta e completa, senão êste esforço que fiz sempre para esmagar os maus instintos e as paixões? ¿senão esta tentativa desesperada para atingir um ideal? ¿senão êste calvário onde deixei a carne aos farrapos, afastando de mim o pecado? ¿Que há mais do que isto?...

AVEJÃO

A vida.

A VELHA

Anh?

AVEJÃO

Um nada – um minuto de ternura e dor.
Piedade, sonho, um pouco de luz onde já entra a
sombra – a morte. Nada. Um sorriso, com os
olhos molhados de lágrimas.

A VELHA

Não vivi esta vida, para chegar a outra
vida.

AVEJÃO

Que não existe.

A VELHA

Tem de existir por fôrça, ou então...

AVEJÃO

É inútil. Tudo é inútil.

A VELHA

¿Tudo o que fiz foi inútil? ¿Todo o sacrifício foi vão e inútil? (*O Avejão ri-se.*)
¿Tôda a minha vida! ¿tôda a minha vida!

AVEJÃO

Nunca duvidaste? Há coisas em que a gente não pensa senão quando a hora soa...
Lembra-te, recorda-te...

A VELHA

Efectivamente tenho ouvido dizer que os náufragos e os moribundos vêm no instante supremo desfilar tôda a sua existência... ¿É a morte já?

AVEJÃO

Ainda não. Has-de ouvir-lhe os passos.

A VELHA

Tanta luta, tanto esforço, tantas discussões
comigo mesma, para quê?

AVEJÃO

Talvez hábito, de-certo orgulho, a
necessidade que todos temos de construir uma
obra e de a levar até ao cabo. E depois a adulação
dos que nos rodeiam e aplaudem; e depois não se
pode voltar a trás...

A VELHA

Ah... (*Espaçando as palavras.*) ;E depois
– não se pode – voltar a trás?

AVEJÃO

Não. Depois o irremediável, a morte, o nada.

A VELHA

É a hora?

AVEJÃO

Já te disse, hás de ouvir-lhe os passos. Recordate.

A VELHA

Recordo-me. Vejo a minha vida desfilar.
;Outra vez os mortos! ;outra vez os mortos!

AVEJÃO

Duma vez...

A VELHA

Duma vez... Eu não fui só secura e orgulho. O que isto me custou a espèsinhar!

AVEJÃO

Duma vez...

A VELHA

Duma vez... Espera que eu veja e desenterre do pó o que supunha que estava sepultado para todo o sempre... Sim, vinte anos, uma alegria espontânea... E não era só alegria, não me sei exprimir... Uma primavera, o que a vida tem de maior, primavera ou sonho. Como nas árvores. Como nas árvores. Eu tinha esquecido isto... Era naquela casa velha ao pé da floresta... Também ouço agora o ruído da floresta, que nunca mais hei-de ouvir. Caem as folhas uma a uma... Era naquela velha casa abandonada... ¡Como a floresta me parece agora um ser extraordinário!... Uma grande sala, as janelas abertas de par em par, e a floresta e o

sonho a envolverem-me. Trespasada de vida, estonteada de vida... Ao pé de mim a mulher que me criara desde pequena. No lume a última braza. O grande luar perfumado entrava pelas janelas abertas. Noite igual àquela nunca mais houve no mundo. Nesse momento único da minha vida, tinha tudo decidido. Esperava apenas o sinal para fugir por êsse mundo fora. Tinha-lho jurado, tínhamo-lo jurado ambos. A-pesar de êle ser pobre e desprezado, eu ia levada, aturdida, impelida, com a bôca a saber-me a vida e os olhos húmidos de vida. Já fascinada para a desgraça, para o amor, para a morte...

AVEJÃO

Recordas-te? Recordas-te?!

A VELHA

Ia... Era uma coisa cega e frenética como a floresta quando chega a primavera. De repente ouço-o cantar – ouço-o agora! – como se a sua voz fôsse um irresistível encanto a atrair-me. Parecia-me que a noite cantava e o meu coração

não podia mais! Aquela voz entrava na sala como o luar dourado e o perfume da floresta com a sua voz magnética. Era o sinal – ia partir. – Menina, disse-me então a criada, que vai fazer? vai ser desgraçada. – E a voz dela não era só a sua voz, era um mundo que se interpunha entre mim e mim, um mundo que não existe...

AVEJÃO

(Com um riso mais sardónico)

Que não existe! que não existe!

A VELHA

Mas aquela voz atraía-me, deslumbrada. Avancei um passo. – ¿Filha, que vai fazer? vai no caminho da desgraça. – ¿E a minha honra? ¿e todos os laços de ferro que me prendiam? Detive-me e não fugi com êle. E agora vejo tudo. Ouço outra vez a voz, não como a sua voz, mas como outra voz intensa e profunda; vejo a floresta, não como um ser exterior, mas como uma parte integrante do meu próprio ser... No

silêncio! ;No silêncio!... Espera, que eu não posso mais! Não te rias, que eu não posso mais! Espera um momento... (*Pausa.*) Eu não vivi.

AVEJÃO

Ah! Compreendes agora?

A VELHA

Antes tivesse sido desgraçada. Como eu compreendo agora que é preciso ser-se desgraçada para se viver! ;Como a desgraça me parece grande, imensa, necessária para se ser feliz! Eu não vivi. Deixa-me ser desgraçada.

AVEJÃO

É tarde, é tarde. Outra vez o viste e recusaste.

A VELHA

Mais baixo

E recuei, e não me atrevi... Encontrei-o um dia, há poucos anos, velho, coçado, pobre e com uma criança pela mão, e vi-o desaparecer numa esquina, sem me atrever a chamá-lo. Oh! vi-o e vi-me! Nesse minuto amargo compreendi que podia ter vivido e sofrido, amado e sofrido. ;Vi-o e vi-me!

AVEJÃO

Agora é muito tarde. Tiveste mêdo da vida.

A VELHA

Tive mêdo de sofrer.

AVEJÃO

E agora é tarde.

A VELHA

¿Então é tarde sempre para mim? ¿é sempre tarde? ¿Não vêes que preciso doutra vida? Não vivi com medo à desgraça, não fugi com medo à desgraça, não conheci o amor com medo à desgraça, mirrei-me com medo à desgraça. E só agora, que é tarde, me arrependo de não ter ouvido a voz esplêndida do amor e da desgraça. Perdi a vida! Perdi a vida! Dá-me outra vida.

AVEJÃO

É impossível.

A VELHA

¿Deixa-me sofrer, só sofrer!

AVEJÃO

Não posso.

A VELHA

Deixa-me viver, que eu prometo-te não acreditar mais em palavras.

AVEJÃO

A vida é só uma. Uma vida! ;uma vida que se não repete! que se não repete mais. Uma hora que se perde e não torna, por mais esforços que se façam.

A VELHA

Deixa-me viver rôta, pobre, desprezada, com uma côdea para comer. E amar! e amar! Re-para que quando tudo me seduzia...

AVEJÃO

Deixasses-te seduzir.

A VELHA

... resisti à vida. Dia e noite passei-os eu e

Deus. Com o pensamento na vida eterna, vivi com um cilício e uma camisola de estôpa.

AVEJÃO

Resististe ao encanto da vida, que não torna.

Não soubeste fazer o bem e não pudeste fazer o mal. A tua vida foi inútil.

A VELHA

¿Então eu que fui iludida tenho de morrer? Tens de me deixar voltar aos vinte anos, ao primeiro amor e ao primeiro sonho. – Aquela noite... Aquela noite em que dei o primeiro passo para a mentira. Há mãos que se me estendiam e que eu repeli para ser santa. Há instintos que eu arredei, impulsos que vinham do fundo de mim mesma e que recalquei pelo orgulho de ser santa. Pequenas coisas que julguei inúteis ꞑe que são tão lindas!... Estou arrependida. Deixa-me ser levada por todos os gritos, por tôdas as vozes, por todos os instintos, como num enxurro.

AVEJÃO

Não.

A VELHA

Deixa-me ao menos sofrer.

AVEJÃO

É absolutamente impossível.

A VELHA

Mas eu quero! (*O Avejão ri-se.*) ;Mas eu quero! eu quero! Morro desesperada. Uma hora! uma hora só de outra vida! Quero voltar para trás.

AVEJÃO

Ninguém pode voltar para trás.

A VELHA

Mais um minuto! Mais um minuto! ;só um minuto!

AVEJÃO

Nem um minuto!

A VELHA

Não quero! Não quero! (*O Avejão afasta-se e outra vez se perde no escuro, com uma risada sarcástica.*) Estou arrependida! ;Estou arrependida de ser santa! (*Ao fundo a porta abre-se.*)

A VELHA

(*De pé, grita*)

Ouço-lhe os passos! Ouço-lhe os passos!

SCENA IV

A VELHA, O SR. CAETANO E AS VELHAS

(O sr. Caetano e as velhas entram. A criada vem à frente, com o candieiro, no momento em que a velha cai morta sôbre a poltrona.)

SR. CAETANO

Está no Céu. Entrou agora mesmo na glória eterna... *(Levam os lenços aos olhos, compungidas. Uma amarra-lhe os queixos.)*

ISBN: 978-1-300-83347-5